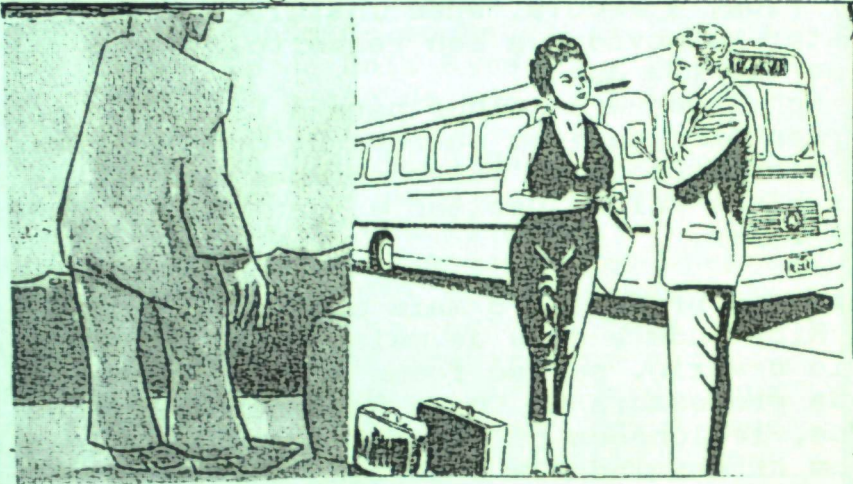


ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 19/10/01

A. M. V. D. R.

Reunião definiu horário e dia do ônibus para servir melhor o povo da Vila Dois Rios, conforme pode ser lido nas páginas 11 e 12, o relato das autoridades neste assunto. O transporte nesta região vale OURO e VOTO.

A T I V I D A D E12 de outubro

Foi quase uma reinauguração do Centro Social Nestor Veríssimo pela Presidente da AMVDR, dona Mayre com apoio da Comunidade, U-ERJ, Prefeitura, 2ª CIPM e PARASAR.

DIA DA CRIANÇA e DIA DA AMÉRICA

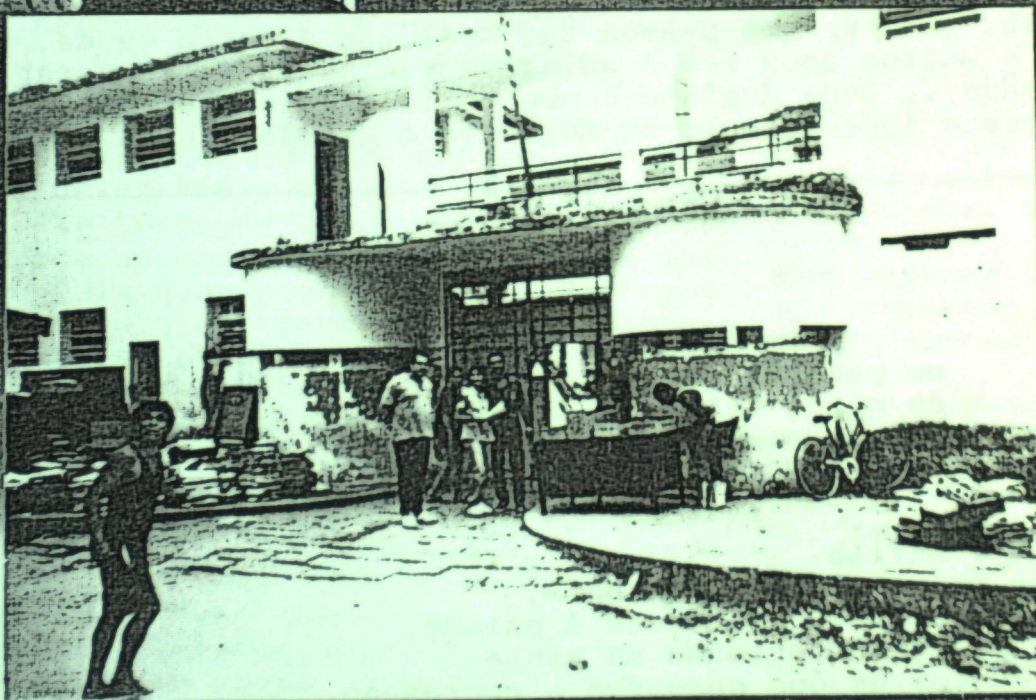
Sabemos que neste dia, comemora-se o Dia da Criança. É, com muita alegria que devemos abraçar todas, desejar-lhes muita felicidade.

O Dia da Criança é um lindo dia, porque a criança é sempre o encanto dos lares e a esperança da pátria, esperança do papai, e da mamãe. Acima de tudo para o Brasil de hoje, que precisa dos homens e das mulheres de amanhã, para trabalhar e tornar forte a nossa pátria.

Crianças! - Devem estudar muito e obedecer sempre, e sempre formando um grande país.

Marcado hoje, também, o 12 de outubro como o Dia da América. Foi neste dia que Cristóvão Colombo, no ano de 1492, descobriu essas terras maravilhosas e a deu-lhe o nome de América. Nela está situada o Brasil, ostentando um pedaço americano. E como todos os países, americanos, o nosso Brasil também festeja a Criança América e seus Filhos. Que venha ser a honra de glorificar uma memória a de Cristóvão Co-

lombo. Todas as crianças juntas num só dia em um (cont. na pag. 6)*



Desativação do Presídio em março de 1994.

A Escola Padre Júlio Maria

A Escola do nosso bairro...

DESCANSAR CARREGANDO PEDRAS - Com este paradoxo ousou falar da realidade

do dia 4 ou 5 de setembro quando o carro partiu, ainda acenando com as mãos para quem ficou, a Toyota já em movimento, eu apalpei discretamente com a mão direita, o pequeno pacote amarrado na face externa da bolsa de compra.

A certeza de estar alcançando o objetivo que me fizera voltar à terra, (digo à Vila Dois Rios), ao meu lar, deixou-me relaxado e eu, agora sentado junto à brecha da carroceria e da cabina, fechei os olhos deixando-me envolver pela recordação daquela outra viagem, quando viera de Angra dos Reis, num dia do mês de agosto para a Colônia.

Naquela outra vez viajei neste mesmo lugar cedendo uma vaga ao lado direito do motorista, quase cativa do professor quando precisa de favor. Lembro-me como se fosse ontem, das imagens do velho Abraão, da subida com seus solcos, das casas que aos poucos iam rareando, e por fim o carro ganhando a marcha certa no cêrro, do campo com suas telas de arame e plantações de legumes nas sobras do terreno das casas.

Naquele dia sonhava em chegar à Colônia. Aquela Vila com o seu glorioso passado, suas ruas, praças, pontes, rios, a Escola, suas instalações famosas, tudo já tão familiar, tantas as histórias ouvidas a seu respeito, que o mais certo seria dizer! - Sonhava retornar ao meu Mundo!

Havia decidido que retornaria, achei que era melhor para a Vila é, mais pelo fascínio da localidade dos tormentos padecidos outrora do que propriamente pô vocação de fotografar, é que tinha resolvido fazer algumas fotos. Sem o filme (que jeito?) havia acatado a minha melhor decisão e, dentro das minhas limitações, havia feito o que podia fazer.

Vieste no primeiro banco.

Mas, quero mesmo dizer que a vida de professor é mais ou menos igual a minha ou a de todos nós na Vila Dois Rios onde é dura de mais, ainda mais para encarar um alojamento, um lugar frio e vazio, se não fosse o amor a profissão, como deve estar sendo o caso da professora do Curso Noturno de Alfabetização e Prosseguimento para Adultos, lecionados pela dona Regiane, aquele dia ela estava ali perto do carro com um ar desolador e o destino à Colônia para sua última etapa do dia, ou seja o dito, - "enquanto descança carrega pedra", - ficou entre o alojamento e a sala de aula da Escola Estadual Padre Julio Maria.

Parabéns é o que devemos lhe desejar. E, mais. De parabéns ainda, está a gente da Vila Dois Rios, por ter uma pessoa tão dedicada à nossa causa, que se arrasta por muitos e muitos anos sem a solução. Que agora veio parar em boas horas em vossas mãos... Dona Regiane o meu muito obrigado e o de todos, e rogo a Deus por você neste louvável ato de Mestra, é o que desejo na oportunidade desta Edição.

Tema: A vida do lugar

**Um Passeio
no passado e no presente
de nossa Vila Dois Rios,
Patrimônio histórico
de Angra dos Reis.**

**Assim é a Vila,
lugar bonito, quase selvagem,
terra e poesia, de amores e paixão,
onde se misturam todas as gentes
nas cantorias dos pássaros e recreação.**

Naquele dia a chuva, o frio e o vendaval depois da decolagem das aeronaves me pegou de surpresa no descampado de areia, e grama rala rente ao chão, pois havia sido batida pelo povo da Vila para receber o Governador, à velha Vila de Dois Rios derrepente transformada, ou melhor trans-

tornada, como quem diz toda mudança tem uma causa, só os que sejam capazes de encarar a utopia estarão aptos para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade tenham perdido.

A noite foi estelante, tarde reboiçante com dezenas de jovens invadindo o chafariz da praça em frente ao

Casarão dos antigos diretores da Cadêia destruída a pouco. Acendeu os olhos de uma velha poeta dos Arcos da Lapa, idade avançada, ainda esbelta e bela, perguntava e eu a respondia. Ela agradecia com um sotaque nordestino. Os olhos castanhos, tristes e frios pareciam já sem a vida para a final partida deste mundo, quem reparou em seu derradeiro olhar viu, somente, um vulto ficar preso lá no fundo da mente.

Fazia parte da caravana jovem convidada pela Comitativa do Sr. Marcelo Alencar em 1995.

O motivo de sua viagem era simples. Todos que desejam sossego e aventura têm a felicidade de conhecer a nossa bucólica Vila de Dois Rios, pacata, acochegante e berço de uma exuberante Floresta Atlântica.

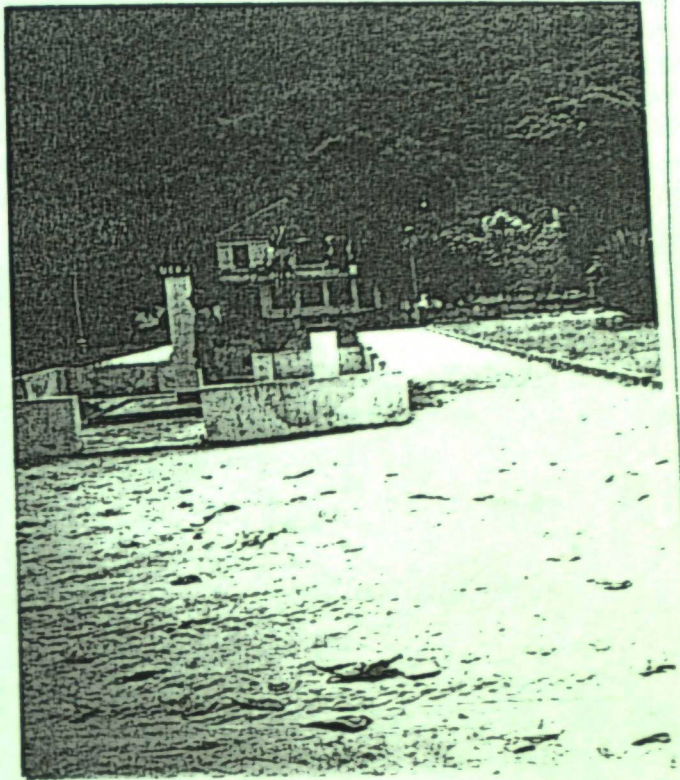
A Vila de Dois Rios, Patrimônio Histórico de Angra, é para os olhos do mundo uma espécie de Brasília do turismo ou baía de todos os santos no Sul-Deste fundada no século XVI como povoado (indígena, franceses - holandeses), que tinham como atividade preparar as escaramuças para combater os portugueses que afugentou os tamoios, índios tupis que habitavam terras junto à Baía da Guanabara no século XV.

Mais tarde outro povoado surgiu nesta mesma Vila extirpando a comunidade anterior formado de (piratas) de corsários holandeses - 2, em ação no Atlântico Sul, com a finalidade precípua de atacar comboios espanhóis transportando metais preciosos das colônias espanholas, existentes no Peru que por estas águas navegavam com destino à Espanha.

Mais tarde no século XIX outro povoado se apropriou de uma posse de terra de Dois Rios por ordem de Portugal com o título de (fazenda) - 3ª povoação, faziam plantação de cana, café e banana até na metade inferior da montanha, como base da alimentação, banana e peixe, daí veio o famoso prato, peixe com banana como típico da região, disseram os mais antigos. Outras plantações em menor escala como raízes para farinha, ao lado da rubiácea, este fazendeiro fazia também. Assim como todos os fazendeiros da região passaram engordar e vender escravos como moeda forte. Por teimosia do costume a fazenda alcançou mesmo enfraquecida a primeira década do século XX, não passando disso.

Surgindo dessa época o povoado de quarta ordem com base na (agricultura familiar e pesca) (4ª), o que foi extinto no meado do mesmo século. Fundou-se o povoado atual formado restritamente de (funcionários públicos e quando não prisioneiros livre) o de quinta (5ª) ordem.

Quem a visita tem muito que apreciar. É cercada de montanhas, cachoeiras, rios, com destaque para a nossa Serra Mãe-D'água como os mais antigos a chamavam principalmente, o velho Ziza - Sr. Romero, e casas coloniais rodeadas de quintais repletos de mangueiras, abacateiros, jaqueiras, goiabeiras e variedades.



Vila de Dois Rios conserva um ar de vila tradicional da roça, com pessoas conversando, sentadas em cadeiras e bancos nas calçadas e passeando a pé ou de bicicleta.

Esse ritmo muda nos feriados - enforcados, em abril na Semana Santa, Natal, Ano Novo e Carnaval, onde dezenas de visitantes retoma-a e caminham pelas ruas de terra batida acompanhando o séquito da praia.

Como ícones da Vila destacamos as ruínas do Cândido Mendes: - prédio anexo, cinema, cozinha dos prisioneiros, padaria, almoxarifado, ambulatório, pátio do Mariel Mariscott, celas comuns, celas surdas de castigo rigoroso e celas do castigo simples grave e simples médio, o castigo leve na própria cela, pátio do areião, oficinas, casa da caldeira, corpo da guarda, escombros do prédio da administração, local da segurança, seguro de vida à cela separada, pátio de visita, corredores de escoamento, inspetoria, o poço misterioso, parlatorio, necrotério. No lado externo encontramos: - estábulo, usina hidro-elétrica, casas da visita carcerária (CVI-I e II), represa,

canaleta hidrovia, olaria, britador e outros como: Casarão velho das mangueiras, Centro Social Nestor Veríssimo, residência oficial dos diretores do Presídio "casarão", casa de visita oficial "CVO", o antigo quartel de policiamento externo (4ª CIPM) atual laboratório de pesquisa ambiental, Capela Nossa Senhora dos Homens e mais alguns. Tudo é um acervo extraquadro ou imagem, livro, arquivo e ou revista de amostras, que ficou para trás esquecido pelos carcereiros, pelo DESIPE, Secretaria de Justiça e pelo Estado. Sem citar o busto de Cândido Mendes que não se encontra aqui no seu pedestral.

lho do Walter em pinho-de-resina "riga" na cozinha, duas outras pecinhas na cantina e algumas outras jogadas pelos cantos, cujo as obras foram disputadas por colecionadores e museus do mundo carioca e mais tarde por visitantes vindos de toda parte do Brasil e do exterior. A última ainda, lembro-me que foi levada por uma turista, tive a impressão de que ela tinha grande interesse e ia para muito longe a pouco tempo, que re-



1500	XV
1600	XVI 1ªPv. Indígena Francês Holandês
1700	XVII 2ªPv. Pirata hol.
1800	XIX 3ªPv. Fazenda
1900	XX 4ªPv. Agricultura fam. e pesc
2000	XXI 5ªPv. Func. publi.

Naquela tarde a Vila Dois Rios era Capitaneada pelo Sr. Antônio representando a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, visitei naquela semana de folga diversos pontos, físicos, e outros só foram possíveis através da recitação do pensamento que vieram para o papel de pronto os pontos, propriamente ditos são locais que albergava boa parte do acervo sem nenhuma, ou melhor, alguma arte sacra, toda criação lembrava a famosa prisão das guerras ao comando vermelho. Considerando a contribuição histórica dos prisioneiros entre eles cita-se: o vulgo Caroço, Miguassú, Miguelona, Macarrão "panoramista", Jessé, Nikissé, Walter. Adalto e muitos outros os que não lembro-me agora. Deixe-me dúvidas! Considerados o Aleijadinho da Vila Dois Rios, raro era o local ou casa que não tinha uma obra rústica de um desses.

Com a queda do presídio as peças sem valor se tornaram relíquias porque, as valorosas mesmo se foram, consegui salvar algumas, miúdas e uma pouco maior, uma peça do Miguassú na varanda da minha casa foi conservada e que a guardamos pelo valor artístico e não como estatueta, uma pequena mostra do traba-

conheceu o seu valor no momento, fiquei com dor no coração, mas estava nas mãos da mulher a qual lhe deram uma obra do Nikissé, uma peça singular, quase a arranquei das mãos daquela senhora que não tinha culpa. Ninguém tem o direito e nem devemos fazê-lo assim, se fizera acredito que foi inconsciente. E quantas imagens foram levadas (peças esculpidas) na madeira? Incalculável, uma de gesso eu vi na condução entre o Rio de Janeiro - Mangaratiba, estava sendo levada com promessa de restauração, era uma peça sem valor material, apenas uma peça sacra do início do descobrimento do Brasil, talvez, trazida da Europa.

Do pico da nossa Serra Mãe-D'água descortinam-se cenas surreais. Os nossos vates perambulam na planície.

Vila Dois Rios - Patrimônio Histórico de Angra do Reis.

Assunto Romântico

Amor ou Paixão?

São coisas da nossa Vila Dois Rios ou de qualquer lugar!

Hoje eu dedico um pouquinho do meu tempo a falar da vida... - À falar da guerra. Eu prefiro falar do amor, observando passar juntinho aos beijos e abraços, ora, um atrás e o outro mais na frente, um prá lá e o outro prá cá. Olho aberto olhando... - pode ser um casalzinho de namorados, um casal sacramentado pela comunhão ou de qualquer outra situação, não venha ser o caso. O que vale mesmo é o Amor:

O Amor como o dia.
Como a noite,
O ar que respiramos,
A água que bebemos.

O alimento que nutre o casal, assim como nós que formamos os pares da Vila é, sem dúvida o Amor. Maior bem de todos. O amor que tanto se fala, tanto se tenta definir, tanto se erra confundindo, esse que se tem como o mais nobre dos sentimentos.

Que ao fim tem-se por conseito algo, que de nobre só existe quando pronunciado seu nome. - Na verdade fica evidente que, o que a quase totalidade das pessoas ditas enamorada sente mesmo é paixão. A não ser que eu esteja errado.

E, esta aos poucos vai, também, se modificando. Fazendo das pessoas bonecos e bonecas, jogados pelos cantos da vida, salvo aqueles que não se deixam tornar-se obrigação. Pois, que muitas são as consequências sociais - econômicas e culturais, de uma relação, principalmente quando mal definida.

A palavra amor deveria ser contida restritamente no conceito do sentimento universal e magnânimo, aquilo que Jesus ensinou, concentrando todos os

mandamentos do Velho Testamento em apenas um - justamente o mandamento de Amor. Mas, não: - a paixão acompanhada de tesão, interesse material e conveniência social, acabaram se tornando os ingredientes, do que os mais zelosos chamam Amor Romântico.

Será preciso dizer que nada tenho contra a paixão, e o Amor Romântico? Muito pelo contrário acho-os as coisas mais gostosas de se sentir e viver. O que seria da poesia, a música, do teatro, das artes plásticas sem os arroubos da paixão? E dá para se viver sem paixão? Não dá; não dá mesmo, Amigão e Amiga!

Não fosse a poesia, talvez não surgisse poemas como sempre nós fazemos num cantinho do coração e falamos para ela:

Eu te amo

... no jeitinho ingênuo
de te sentir boneca de pano
quando te acalento
prá te fazer dormir de mentirinha.

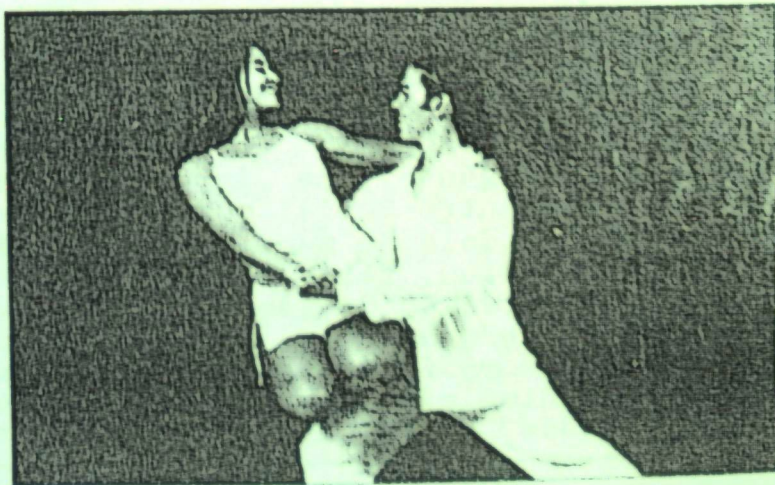
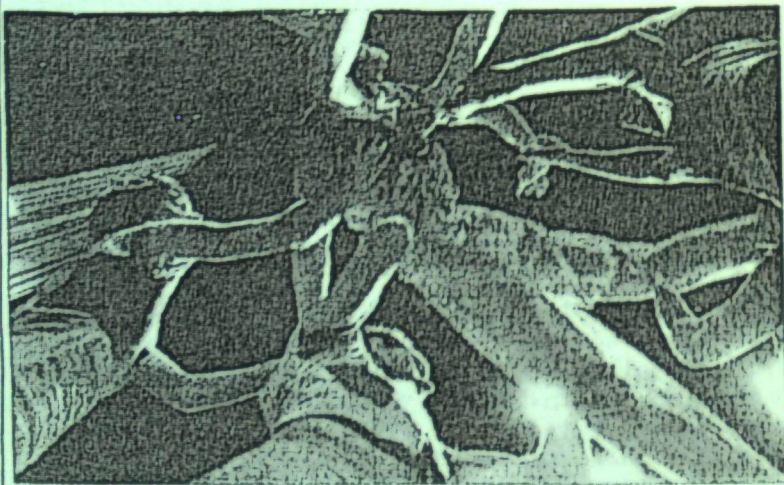
Eu te amo de sonho
e esperança, te amo acordado
e enfeito de ti
minhas horas mais tristes
para que não mais sejam tristes.
Amo tua voz e teus olhos.

Tuas mãos de amiga,
de irmã que não quero
de amante ternura,
carinho e tezão.
Na imagem - desejo
de estar sempre perto.
Eu te amo contando dias,
os dias que faltam
para ter-te real: em cores,
contato e odores.

Eu te amo demais.

Eu te amo mais.

Muito mais. ... Vila Dois Rios ...



A T I V I D A D E: Textos emitidos pelo leitor para reprodução, o que foi efetuada na íntegra de caráter especial do autor.

Rio de Janeiro, 23/09/01.

O Morador da Ilha é Assim

Ser morador da Ilha é ser livre, é poder voar pelos lindos campos verdejantes com a sua própria imaginação.

É um tipo de gente que luta para sobreviver a esse mundo cruel com um só pensamento de que quem luta vence. E esse é a maior vontade deles.

E gente que expressa emoções sem se importar com que os outros vão pensar ou dizer.

É uma gente que está sempre disposta a ajudar, mesmo que não conheçam quem necessita da ajuda.

Esse pessoal é gente que transmite paz, amor, alegria e outros sentimentos mais dessa natureza.

É gente que traz com sigo no coração a capacidade de compreender outras criaturas, seja humanos ou não.

São pessoas que sempre estão em sintonia com a terra assim podendo prever se vai chover sem precisar ver a meteorologia na televisão.

É uma gente que ultrapassa a compreensão medíocre, simplória.

Simplesmente é gente que mora na ilha!

Wesley - 17 anos

Aluno do 2º Ano Colegial. C.Eletromec.

Esc. Tec. Est. - CEI - Sta. Cruz - RJ.

EXALTAÇÃO À UM PARAÍSO, DESLUMBRANTE!!

NOSSA ILHA GRANDE!!...

Nossa Ilha é toda linda, é maravilhosa! É o meu, o seu, o nosso paraíso, Encantador real e verdadeiro.

O meu sonho de amor,

À vida da minha vida,

À vida de todos nós.

O deslumbre encantador, do mundo todo! Suas praias de águas, coloridas, limpas e cristalinas.

Suas cachoeiras encantadas em suas quedas,

Beleza e fascinação em terceira dimensão!

Sua fauna, sua flora, sua floresta acolhedora,

Robusta e cheirosa; rica e deslumbrante!

Sonhar e amar, é na Gruta do Acaiar!

Um sonho todo azul, é na misteriosa;

Lagoa Azul!

Dois Rios Santos, do Saco do Céu, e por todo mar

Nunca me perderá; Castelinho, tem um farol

Ele sinaliza e informa; que sou, uma linda ilha

E grande, maravilhosa!

Para o amor, e ser amada; especialmente por nós,

E todos do mundo inteiro!!!...

Do seu poeta: Leonoro Assis.

...*(cont. da pag.01...)ponto (lugar)do seu bairro. Este ano aqui na Vila Dois Rios, isto se passou no Centro Social, antigo Centro Social Nestor Veríssimo.

Para que fosse uma grande festa reuniu-se cidadãos de todos os lugares em prol de uma só finalidade, a alegria da criança da Vila Dois Rios, onde riram mais, comeram, beberam e brincaram. Para saber melhor como foi só se perguntar aos peraltas baixinhos do lugar.

Entre homens eternamente crianças: todos nós fomos eles um pouco naquele dia 12, em que o Senhor Dan administrador da Vila pela UERJ, transportou originalidade à gente, na interativa transformou o Centro Social num centro de criatividade dele no mundo infantil. Mas não bastou, foi preciso o apoio dos militares do Grupamento de Salvamento da Força Aérea Brasileira os "PARA-SAR" como ficaram conhecidos na Vila Dois Rios pelo carisma de homens adestrados. Lá na fotografia está

um deles no hasteamento da faixa inaugural como exemplo. Suas contribuições foram fundamentais na instalação do cenário: com pula-pula - este talvez tenha sido o brinquedo preferido das crianças, das moças e das mocinhas, camuflagem do teto e fundo, com os seus paraquedas coloridos, a instalação elétrica engenhosa solucionada pelos militares, o bar de quituteiros.

Nos fundos do Salão Social o cenário que o seu verdadeiro nome quase ninguém sabe - diz-se o Dan - procurou alegrar os fãs com um ambiente folgação de entretenimento interativo, inspirado no renomado conteúdo da aguarela do nosso Brasil, da Bandeira e do amarelolimão da linha do equador. Visto pelas crianças de toda as idades e a família.

Foi divididos em categoria principais educativos e sabor o programa de pequenos desafios para as crianças incorporar uma pequena mostra do mentor, que permitia (cont. na pag.10)

C U L T U R A - Reproduzindo o Presídio:

... No mesmo dia veio no pensamento a imagem que levou-me à muitos lugares: na cela-atelier do "CRI" (Clube Recreativo dos Internos) vi seus quadros coloridos pelas areias da Serra Mãe-D'água, já com quas trinta cores, hoje desconhecida, famosa entre êles. Na parede um vistoso quadro inacabado mostrava um pé de pequi.

Na realidade, na época visitava em revista quando podia a Cela-Museu, nome provindo da inclinação artistica do interno, à margem direita da segunda galeria à leste, onde o putativo interno escreveu o seu Vintém de Cobre. Um dos destaques do seu acervo era retratos de Lampião, Maria Bonita e Padre Cícero e livros do épico rural, além do seu original escrito em letras miúdas do próprio punho que ninguém dava valor ficava jogado por lá nas coisas reviradas como lixo fossem, só êle mesmo valorizava e recomendava a não destruição na revista feita pelos guardas alheios a tudo, havia também, medalhas de concurso carcerário que por certas ocasiões havia sido premiado, diplomas rústicos que fazia questão de mostrar e o merecido Prêmio "CRI-1984", homenagem do grupo de teatro ao pobre imundo, misérento poeta Museu interno do Cândido Mendes.

Na saída da galeria a esquerda encontrava o Russo no mercado de quitutes, era doce saborear o famoso bolinho de arroz. Nem que fosse para provar.

Meu deus! Talvez eu seja um louco escrever estas coisas, mas sou obrigado arrancar da cabeça essa rumação que incómoda, e ainda perguntar como resposta incerta onde anda os escritores da prisão, com exceção do minuciador Graciliano Ramos que está morto, José Loureiro, não, o índio não sei, o Wilian da Silva estava louco no Bangu III? O "índio" aquele melhor orador da Cadéia que escreveu Direito Humano, recitado uma vez na visita do Cardeal Dom Eugênio Sales que não gostou, não esperou o término da leitura, retirou-se acompanhado do Sr. Comandante da 2ª CIPM, do Diretor, do Padre Bruno e da Comitiva desaprovando aquilo, as irmãs de caridade da Casa São Francisco de Paulo ficaram desapontadas, haviam preparado o ato festivo do CM depois da celebração da missa.

Cadê Betirri Amargô, com seu canto mágico, nas inesquecíveis noites de ensaio da banda? E os seresteiros Xexeu, Marco Antônio, Veiga, Almeida, Marcelo Bar, Luiz Gesto Gerônimo Vieira Candeia, o baterista? Formavam uma zuada infernal

antes do confere das vinte e uma horas.

Um mundo mágico provavelmente com mente prá tudo até no épico, quantas vezes no Centro Cultural na sua Biblioteca encontrei Jorge Amado infundado em prateleira que não parava no escaninho, estava quase sempre tomado emprestado, os volumes quase todos, uns trinta, eu mesmo tirava uma casquinha de vez enquanto pela madrugada insólito, quem não seria? Você. Seria também, diante de Tieta do Agreste, uma barbaridade daquela que virou peça de teatro nas rumações do cárcere da Ilha Grande nas grandes festas intituladas "Jupirão", escrita dentro do cárcere surpreendentemente, a popularidade dos personagens entre os criminosos indiscriminadamente. Pareciam cultuadas com frequência, nas tábuas e nas esteiras, malandros, tipos os das favelas, atentos no Suor e no Jubiabá. Refletindo bem sob as nossas literaturas ficava no ar a interrogação de quem prestou bem atenção no Jupirão de preso marginal da pior especie, literatura e autor. Por que procuraria o interesse dessa gente? Um mundo onde não passaria sem uma boa dose de ressentimento e elitismo, estranhos em alguém enclausurado por ser tudo até comunista a parte foi o caso da Ilha Grande. Aqueles homens de tatuagem, verdadeiros anfíbios, ora no morro, ora na cadeia, contavam história como entregavam-se, por serem primitivos, ou para esquecer asperezas, a divagações complicadas, e ficávamos sem saber quando nos expunham casos verídicos nem quando mentiam. A imaginação, com certeza, a imaginação do autor batia forte e os encantava, imaginação viva, tão forte que era representada dentro da cadeia em teatro livre, onde as componentes do papel já vinham com a peça ensaiada, parecia ser tudo de verdade ao encenar a existência romântica nos saveiros, nos cais, nas fazendas de cacau.

Ressentindo ou não, etilista ou não, os presos escritores anônimos diagnosticava o segredo que propunha o autor dos personagens. Numa linguagem ao povo deles, e também nós entendíamos como todas as camadas sociais se ali estivessem, com exceção dos esnobes de sempre, pobres vítimas de um acachapante complexo de inferioridade urbe, que não vêem graça no que chamam de escrita de fabri-

fabricao caseira, quer dizer, feita na cadeia ou no bairro da periferia, sem qualidade gráfica - a começar pelos nomes dos autores, pobres nomes, vulgos em português. Primeiro, menosprezaram-os por serem presos e criminosos, comunistas e ponógrafos, estigmas que o baniu dos lares e sociedade justa e decentes perante a justiça; depois entronizado na sentença, que então tinha o poder de levar em conta tais máculas, acataram sobre eles, sem o saber talvez, o veredito dos comunistas e assaltantes primitivos alguns com mais de cem anos de pena.

Eram homens marginal que não se integrou em uma sociedade e vive em conflito com ela, mas estava sempre em busca dela. Constantemente você ouvia a expressão solta - Seja homem: uma espécie de desabafo com que se mandava alguém reagir, ou suportar com coragem uma situação difícil. De homem para homem com franqueza e seriedade. A mentalidade que se formou utimamente não permitiu de forma alguma a ruptura dessa busca que ficava claro nas homenagens ao ser, não como chefe de família, mas como promessa de felicidade que o vassalo fazia ao senhor feudal. Aqui quero encurtar a história porque não posso enfatizar, tratando-se de uma Edição rápida, um assunto só. Procuro deixar aqui uma minuta da Transformação Social da Cadeia nos anos 80. A cadeia começou a leitura valorizando a literatura, direcionando para a reintegração difícil à aquela sociedade limitada a qual ele não se afirmara no seu passado, surgiu aí a leitura de grandes autores como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Cecília Meirelles, Henrique Lisboa e outros que colocavam à manuceio, bibliotecas cheias de livro muito bem organizada e valorizada para a segunda transformação, o aproveitamento de todo o potencial humano, para retratar o valor do ser homem.

E quase ninguém conseguia ler esses valores empanados na faceta característica do cárcere atual, somente identificada com muita aplicação no trabalho penitenciário moderno, exemplo disso temos do início para a metade da década de 1980 com a montagem de Quitute, ... mulheres e exposições teatral patrocinada pelo poderio econômico do crime no Brasil em especial no Rio de Janeiro e por isso tive a sorte de solver a mensagem e descrevê-la hoje vagamente aquela gente que na pele dos personagens se anunciavam nos palcos do presídio com romances de amor o (mais nobre dos sentimentos) e de denúncia que, que vinha a ser uma demonstração a imposição

à alegria de viver uma outra forma, irremediável, e tão capaz de mudar o comportamento e de combater o autoritarismo como recursos mais violentos.

Passou-se a conviver com a liberdade da abertura de determinadas barreiras como a revista corporal no interior do estabelecimento na ida e na volta dos pátios, permitindo o movimento dos presos, através da música, da arte e do teatro.. Quase assim se passaram o drama das peças literárias que eram encomendadas para fazer a animação do ponto mais alto na ocasião das festas coletivas. E nós todos: os Agentes Penitenciários e Policiais Militares destacados tinhamos a missão de assistir a cena por cautela.

Lá estava a cadeia cheia de visita e mais visita chegando o teatro começava arquitetar a moite mais importante num enredo de um...

...Sábado de casamento, aquela dona de casa confere a hora num relógio preso à parede da cozinha. Passam dez minutos das 5 horas da tarde. Carmem, além de excelente cozinheira, chamava a atenção dos homens pelo rosto meigo e redondo, com belas covinhas, e um corpo muito bem servido de carnes. Começava a ficar aflita, pois duas amigas estavam atrasadas para tomarem café e comerem do bolo ainda quente para depois, as três juntas, irem à festa do casamento da filha de uma amiga muito amada, chamada Rita.

- Toca a campainha e mal a porta é aberta, vai entrando a moleca da Emanuela. Também conzinheira de mão-cheia, ela reconhece o cheiro gostoso de um quitute de fubá e correu para experimentar. Enquanto curtiá aquele sabor tão familiar, Emanuela já foi se desculpando com a amiga:

- Carmem, não briga comigo pelo atraso. Foi o ônibus que quebrou vindo do do centro.

- Agora só falta a Irinéia! - lembrou a anfitriã.

- Ah! eu estava esquecendo de contar. Ontem, ela telefonou pro bar e disse que não vem.

- Está com algum problema na Rocinha, ia pro Leme. Ai você já sabe, prosa vai, prosa vem...

- Mas a idéia de mandar fazer essa festa foi dela!

- Vai entender! Irinéia disse que precisa viajar amanhã para as bandas de Angra... Parece que tem que encontrar um moço, eu sei lá!

Emanuela falava e comia do bolo,

com os belos olhos brilhando de prazer. Carmem acompanhava a amiga, servindo mais um café para as duas. Disse:

- Acho melhor agente ir andando, para não perder a hora. O casamento foi marcado para 8 horas. No caminho fiquei de encontrar Dorotéia e Marialva, que também fazem questão de homenagear nossa amiga.

Carmem deixou um bilhete para o marido, que havia saído bem cedo para ir à farmácia. Ele prometeu encontrá-la na igreja no finalzinho do casamento e, certamente, Vadinho iria estar junto. As duas foram para a rua, encontrar as duas vizinhas e passaram a formar um conjunto de belas e desejadas mulheres, cada uma ardente a seu jeito, mas todas com muitas histórias de prazer bem vividas.

Chegaram no Mercado do Cocéia, e se surpreenderam com a igreja superlotada. Afinal, a amiga é muito querida, não só pelos vizinhos de Benfica, mas pelos cariocas e brasileiros de todos os cantos. Cumprimentaram alguns conhecidos na porta, como Sebastião Pedro, Mirabeau, Wilson e, em especial, um simpático senhor sentado no chão. Carmem havia sido apresentada a ele por Vadinho, tempo atrás, e ela nunca entendeu por que o Seu Joaquim da Silva largou o emprego e a família para vagabundear com o Chapadinho pelas ruas da Colônia. Nem de onde saiu o seu apelido curioso.

- Esse é um homem querido por tudo que é gente da boemia! - apontou Carmem para as amigas, com insuspeito ar de reverência. Afinal, Vadinho e Quintas bebericaram várias vezes pelas barracas da Vila, começando pela Cantina da dona Tereza que anotou tudo lá no caderninho, sem mais e sem menos saíram pela vida.

- Interessante, acabei de lembrar de Maria Rita e de Rosa de Fátima - falou Dorotéia.

- Será que estão no casamento?

- Deixa que eu vou procurar por elas! - exclamou Emanuela.

Naquele amontoado de presos, misturavam-se ricos e pobres, intelectuais famosos e anônimos, capoeiristas e quituteiras, políticos e artistas, enfim, gente de todos os tipos, crenças e origens. Amigos unidos num momento de alegria, prazer e fantasia. Alegria, sem qualquer pieguice, é o que poderia resumiu o que se passava no coração e na mente dos presentes a cerimônia de Ritinha.

A cerimônia estava perto do momento da comunhão quando Emanuela voltou a ter com Carmem, num lugar próximo ao altar. Elas se surpreenderam com a chega-

da esbafurida de Irinéia. Com impecável roupa justa, de fundo branco e detalhes em azul, e muito bem produzida. A mineira em nada lembrava alguém que acabava de chegar do interior. Emanuela cochichou:

- Que foi? Você me disse que não poderia aparecer!

- Eu me virei como pude, deixei Leonora cuidando dos negócios, mas não iria faltar de jeito algum. Afinal, como vocês, também devo minha vida a Rita que viemos homenagear.

O casamento acabou, e a igreja foi ficando vazia. As pessoas saíam alegres e extrovertidas, algumas com lágrimas nos olhos de alegria. Cada uma, a seu jeito, curtia o momento agradável. As três amigas se despediram de Creuza, companheiras de lutas da amiga Rita, e aguardaram mais um pouco, de mãos dadas. Até que se levantaram e caminharam em direção à porta principal. Uma pergunta as incitava e agora, o que será do futuro?

- Será que nossa previsão estava errada? - perguntou Carmem, acompanhada pelo olhar instigante de Emanuela.

- Não sei, realmente, não sei. Nossa amiga empreendedora fez o que tinha de fazer, os seus recursos se esgotaram e eu... não sei o que pensar?

De repente, percebe a presença de uma mulher diferente, desconhecida, ainda sentada num banco ao fundo da igreja. Também alegre, mas equilibrada nas suas emoções. Ela levanta o rosto e olha fixamente para as três, que param e devolvem o olhar com expressões de incrível curiosidade.

Carmem, Irinéia e Emanuela ainda se questionavam sobre o futuro, sem a querida Rita, e algo lhes dizia que teriam ali a resposta. Irinéia, desinibida, pergunta à mulher.

- Você conhecia a Rita e a Ritinha?

- Pessoalmente não. Eu sou de outro lugar, de outra época, mas precisava ver vocês.

- Qual seu nome? - arriscou Irinéia.

- Zúm.

- E o que você quer nos dizer?

- Quero responder as dúvidas de vocês!

As três amigas se entreolharam, duvidando do que ouviam. A vida longe da Rita parecia assustadora, iri-

iriam elas conseguir sobreviver? Foi quando Zum lhes disse:

- Minha enviada foi embora há muito tempo. Mas permanece aqui pertinho neste mundo com vocês através das coisas que ensinou, das fantasias que eu e todas as alunas que ainda somos. Quantas, até hoje, não se perguntam se eu trai ou não minha professora?

- E traiu? - perguntou Carmem, não conseguindo conter a curiosidade.

Zum sorriu e, fingiu não ter ouvido a pergunta, completou:

- Vocês terão, para sempre, a responsabilidade de manter a amiga Rita. Vocês são ela, as sabedorias irão alimentar as fantasias e a realidade das pessoas, os ensinamentos farão parte de mundos distintos. E Rita não mudou jamais. Vocês é que irão conseguir isso e, portanto, sigam seu destino como se nada tivesse acontecido.

Ao terminar a frase, Zum cumprimentou Carmem, Irinéia e Emanuela com um meneio de cabeça. Virou-se e levitou, desaparecendo ali mesmo. As três sorriram, entenderam o recado, e se despediram também. Dali apouco, Emanuela estaria no Bar Labouca, fazendo Goró deliciar com sua pele, cheiro de rosa e gosto de mel e menta. Irineia... - Irineia apressou-se a viajar para retomar seus contatos, amores e segredos.

Carmem encontrou, o amante e o marido ficou na porta da igreja, como se nada tivesse acontecido, conforme tinha ficado combinado. Deu o braço direito -

ao prêso Sabino Silveira, vestido com seu terno claro, gravata e chapéu. Paquerava Vadinho a esquerda, que desfilava nú para os olhos únicos da carioca miscigenada de família portoriquenha, tímida e ousada. A caminho do refeitório, para um delicioso banquete, recomeçava ali um novo ciclo de vida para o quarto.

E tal como Carmem e seu preferido, seu apaixonado e seu pretendido, faço uma idéia vaga que, tenha a partir de então, todos os intelectuais apresentados suas propostas totalmente comprometidos com a transformação à fatalidade de época, muito embora, fossem um grupo de prêsos embalado, na porta do século XXI, não só com poder financeiro, apostaram na classe democrata, um fenômeno que não teve volta.

Meu acompanhamento desse fenômeno no lá dentro serviu para contar sua história aqui fora. No jeito de ver a transformação social. No cárcere da Ilha Grande, em especial, no Presídio de uma substância literária só. Na porta da cozinha da Vila Dois Rios uma sombra ficou para sempre ser lembrada à geração posterior... numa história hoje pedalada...

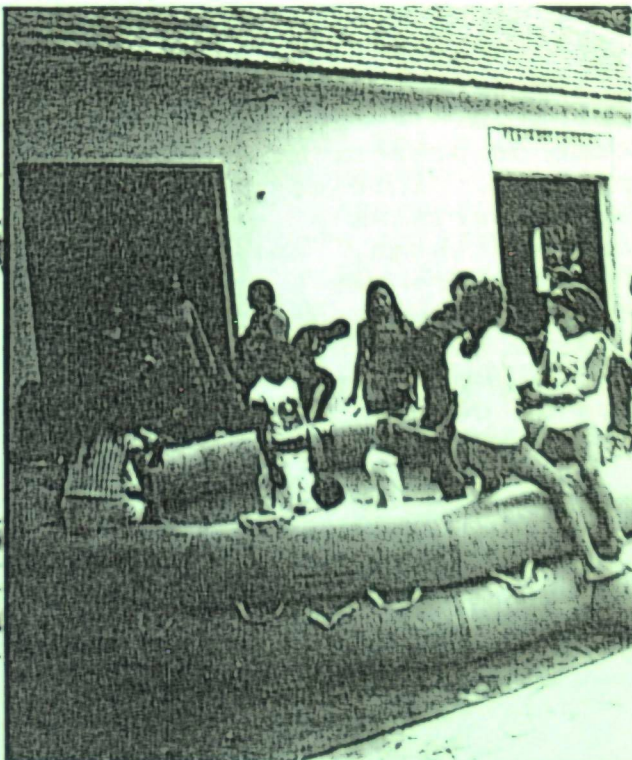
Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES, são da inteira responsabilidade de Hotair, rua Paraná nº09.Vila Dois Rios, Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro

..*(cont. da pag. 06...) aos pais fazem suas fotos na frente do palco, um produto para guardar de lembrança ao nível da habilidade individual do Dan expõe a criança por meio de pintura ali visível, desenhos, escultura, animação

de bonecos, música e dança mexendo com o menorzinho filho da Janaína que dançou muito.

Isso incentivava a imaginação mágica. Trabalho para lá de originalidade foi feito com a participação

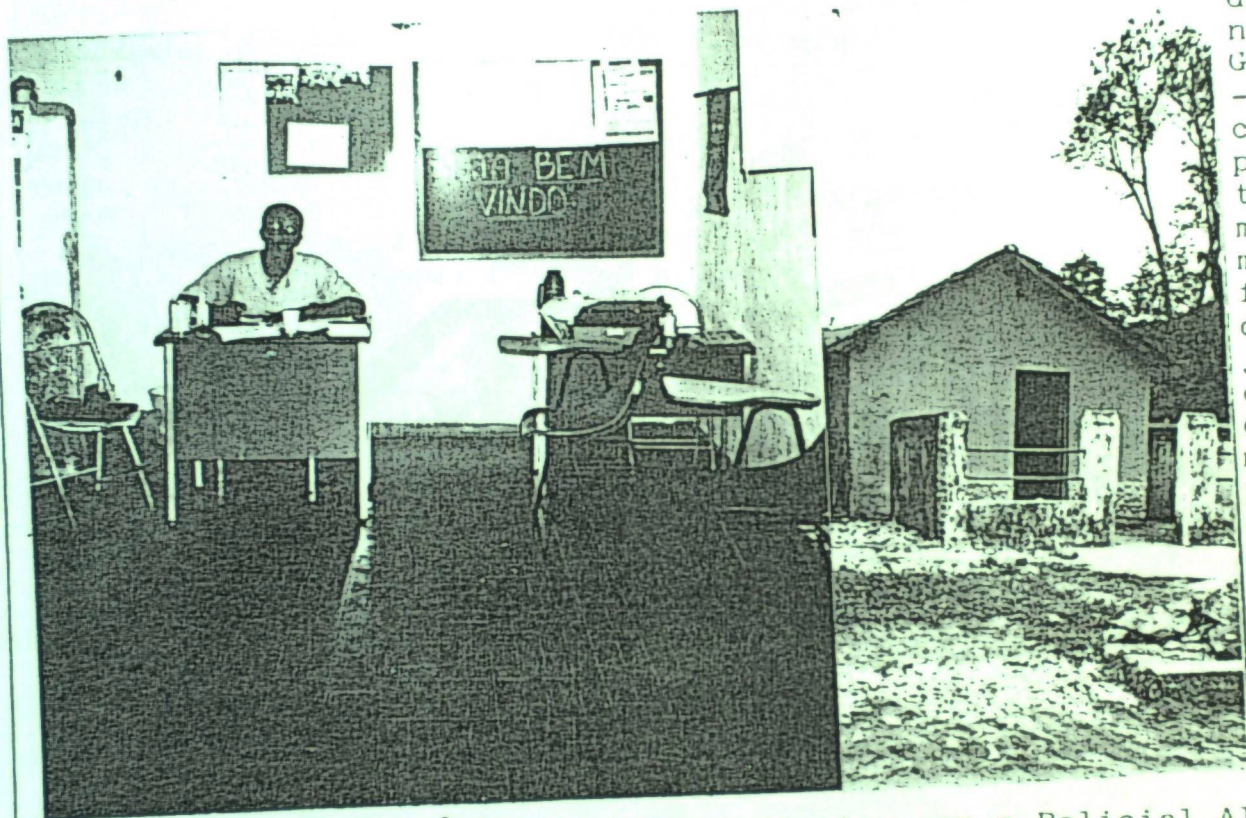
dos personagens e, criança de adulto. Os PARASAR priorizaram a diversão e a interatividade. Lançaram o pula-pula na vida da Vila, que reflete a forte tendência de apelo ao lazer. Onde as crianças poderão explorar de melhor forma as profundezas do paraíso; se tem mar: falta os dinossauros, disney, Pato Donald, Tarzan, Hércules, Pateta, Minnie e o Pluto.



REUNIÃO da AMVDR e o Cmt. do DPO

A reunião da Diretoria da Associação realizada às 11:00 horas do dia 14/10/01 para tratar do assunto relacionado ao transporte, em especial o ônibus. Serviu para dar um novo impulso nos transportes de passageiro da Vila Dois Rios para o Abraão ou vice-versa, levando-se em conta as dificuldades e precariedade.

Foi dirigida pela Sr^a. Presidente dona Mayre que convocou a sua Diretoria, parece que em caráter de emergência, e fez uma exposição geral da grave situação.



Quando deu-se início via-se o grande interesse de todos os presentes, restando saltando o Sr. Vice Guaraci, homem de grande influência no trato dos assuntos da população, o Secretário Geral Sr. Moisés, a Diretora de Finanças Sr^a Janaína, o Diretor de Políticas Públicas o Sr. Liberalino este se esforçava para a causa de sua grande atribuição junto na área, a Diretora de Políticas Sociais Dn^a Márcia e o Diretor de Esportes o jovem Marcelo. Além de um dos membros do Conselho Fiscal, o Sr. Carlos de Carvalho.

Para discutir o assunto fez-se, necessário aguardar a presença do Sr. oficial Cmt. do Destacamento da Polícia Militar da Ilha Grande o Sr. Cap. PM Maurício. Este representou a autoridade representante do Poder Público e como morador da Vila Dois Rios de grande conhecimento do assunto que ali ia ser tratado.

O Sr. Cap. Maurício iniciou o seu

discurso falando do ressentimento que guarda do ato de uma indeterminada ocasião em que uma incerta pessoa fez uma denúncia inconveniente ao Comando da Corporação de uma suposta cobrança de passagem à turista, denúncia anônima que não foi comprovada, que isso tenha ocorrido no ônibus, da Polícia Militar à serviço desta comunidade algum tempo. O que lhe causou um processo administrativo arrolando algumas pessoas responsáveis pela condução como Ezequiel e o próprio Capitão em apuração sumária, cujo, se arrasta pelas tábuas

das mesa do Gabinete do Comando Geral, trazendo-lhe grande desconforto pessoal para desfazer junto a Direção a tamanha covardia do mentor. Prosseguiu falando da vontade ajudar, como o já vinha fazendo, e que continuara da seguinte forma: - o ônibus passa a circular pela manhã 8:30 e retorno 11:00 horas. Pela tarde saída 15:30 da Vila retorno 17:30 horas, utilizando o bom senso sempre.

Para esse trabalho espera contar com o Policial Alex e o Sgt^e. Rocha quando de folga depois da escala de serviço no policiamento que quase sempre acaba na Delegacia em Angra deixando o impossibilitado, isto porque não há policiais disponíveis para todo o serviço da Costa Verde. Dirigir o ônibus vai ser um trabalho mais pela forma espontânea, dentro das folgas, acumulando-se com respectiva função na repartição.

Atendendo a escala e a comunidade em tempos diferentes, por estas e outras razões pede que todos entendam a situação difícil a qual se coloca tanto o comandante como os praças e, que a Diretoria esclareça à todos no sentido de viabilizar o bom andamento deste esforço de quarta (4^a) à (6^a) feira, se caso a lotação superar a capacidade da Toyota ou a mesma estimativa, - sobrepujante ao mínimo de cinco ou seis pessoas. Do contrário, não é possível, sem abrir mão da presença do Ezequiel no

interior do auto-coletivo de posse da listagem previamente marcada, somente de moradores; "usando o bom senso", em casos outros como o de autoridades militar ou civil visitando a Vila e solicitam transporte - para si e acompanhantes em qualquer uma das localidades.

Marcação - sempre pela Associação, para ida e volta, conforme o caso; na Vila Dois Rios.

Tolerância - zero, estou brincando haverá, pequena entono de 15 minutos em função do embarque de pormenor.

Ida ao médico - não se responsabiliza, não haverá possibilidade de atendimento à este tipo de pedido, nem o de emergência, nem pensar no ônibus para situações similares. O que ficou bem claro para viatura menor.

Combustível - mecânico - correrá a mão-de-obra por conta da caixa da Corporação Militar.

Peças de reposição - não tem condição de comprar. Associação e UERJ entrarão em acordo se possível.

VOTO VALE OURO

Nos dependemos de uma boa política entono do assunto de carro. Para o ano uma boa oportunidade de cocertar o nosso mecanismo de viação. É o que esperamos da Direção da AMVDR e dos candidatos de partido político da região. Só não podemos até lá embarcar em nenhuma canoa furada, senão vamos ficar a pé. É o que nós esperamos já uma definição deste assunto/sustento.



A N I V E R S Á R I O - 29/09/01

LUQUINHA, aquele menino que bateu prá ficar no nosso coração, com um carisma maior do mundo. Fez seu 6º aniversário, com uma festa e tanto no Salão Social do Casarão, pode até dizer que foi em um castelo encantado - uma noite deslumbrante, para o aniversariante e seus amiguinhos, que tiveram o prazer de se perder entre o céu e a terra, entre os polos sul e norte bem na cor predominante das savanas. Era tanto presente, e chamego do papai Ricardo e da mamãe Milena que, o aniversariante Lucas não sabia se ia

Viagem - somente os que marcaram dentro da disponibilidade de vagas.

Ponto de Partida - será na Associação.

Por final a Srª. Presidente fez exceção para ouvir uma moradora a dona Narlene. Esta meio insatisfeita pela imparcial forma pela qual ocorreu uma vez em dias deste mês com uma pessoa necessitada ir ao Abraão e voltar. Enveredando-se os assuntos de caráter individualizados e, pinceladas na orelha das doações efetuadas por supostos turistas que, passam de ouvidos à ouvido aumentada com propaganda de conceito distorcido e culpa complicada que, pode ocorrer, se ainda não. Se não ocorreu a direção deve administrar o risco eminente, de complicação, em detrimento do licitar.

Dispensado a presença de alguns participante, deu-se início a reunião do Regimento Interno às 12horas. Promovendo-se daí outros expedientes de suma importância à População.

Curiosidade: A 1ª Eleição da AMVDR realizou-se em 07/01/94. Deposta a 7/1/95